

BALZAC E A TRAGÉDIA DA MERCADORIA: O PODER DESTRUTIVO DO CAPITAL NAS RELAÇÕES HUMANAS

Lenha Aparecida Silva Diógenes¹

Osmar Martins de Souza²

Cristiane Porfírio de Oliveira do Rio³

RESUMO

O presente artigo analisa, à luz da estética lukacsiana e da literatura realista de Honoré de Balzac, o modo pelo qual o capitalismo e a lógica da mercadoria promovem a degradação moral e afetiva das relações humanas, revelando o poder destrutivo do capital sobre a subjetividade e a sociabilidade. As obras *O Pai Goriot*, *Eugénia Grandet* e *Ilusões Perdidas* são interpretadas como representações estéticas das contradições sociais do século XIX. O estudo organiza-se nas seguintes seções: Introdução; O capital e a reificação do ser humano; A mercadoria e a degradação moral e afetiva das relações humanas; A literatura realista de Balzac e a defesa do humanismo; e considerações finais. A pesquisa, de caráter teórico-bibliográfico, estabelece um diálogo entre Balzac (2012;2013) e pensadores como Marx (2010;2013); Engels (2010) e Lukács (1966,1978 e 2010). Conclui-se que a mercadoria submete a subjetividade e os vínculos afetivos às determinações do capital, conduzindo à reificação do ser humano. Nesse contexto, a literatura realista de Honoré de Balzac, sob a perspectiva da estética lukacsiana, configura-se como uma forma de resistência estética e ontológica, reafirmando o valor do humanismo frente à desumanização imposta pelo sistema destrutivo do capital.

Palavras-chave: Estética lukacsiana; Reificação; Literatura realista de Balzac.

BALZAC AND THE TRAGEDY OF THE COMMODITY: THE DESTRUCTIVE POWER OF CAPITAL IN HUMAN RELATIONS

ABSTRACT

This article analyzes, in light of Lukácsian aesthetics and the realist literature of Honoré de Balzac, how capitalism and the logic of the commodity promote the moral and emotional degradation of human relations, revealing the destructive power of capital over subjectivity and sociability. The works *Father Goriot*, *Eugénie Grandet*, and *Lost Illusions* are interpreted as aesthetic representations of the social contradictions of the nineteenth century. The study is organized into the following sections: Introduction; Capital and the

¹ Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Rede Estadual de Ensino do Ceará-SEDUC/CE. E-mail: lenha.diogenes@prof.ce.gov.br

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Phd em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná. E-mail: osmar.souza@unespar.edu.br

³ Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Adjunta do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará-UECE. E-mail: cristiane.porfirio@uece.br

Reification of the Human Being; The Commodity and the Moral and Emotional Degradation of Human Relations; Balzac's Realist Literature and the Defense of Humanism; and Final Considerations. This theoretical and bibliographic study establishes a dialogue between Balzac (2012; 2013) and thinkers such as Marx (2010; 2013), Engels (2010), and Lukács (1966, 1978, 2010). It concludes that the commodity subjects human subjectivity and emotional bonds to the determinations of capital, leading to the reification of the human being. In this context, the realist literature of Honoré de Balzac, from the perspective of Lukácsian aesthetics, constitutes a form of aesthetic and ontological resistance, reaffirming the value of humanism in the face of the dehumanization imposed by the destructive system of capital.

Keywords: Lukacsian aesthetics; Reification; Balzac's realist literature.

INTRODUÇÃO

O capitalismo, enquanto modo de produção e forma de sociabilidade, encerra em si uma força destrutiva, que transcende as dimensões econômicas e penetra profundamente o campo das relações humanas. No capitalismo, os meios de produção do trabalho estão submetidos ao processo de valorização, promovendo apenas um desenvolvimento unilateral e convertem-se para a maioria em forças destrutivas (Marx; Engels, 2007, p. 60). Essa força, compreendida pelo marxismo como expressão da alienação e da reificação, dissolve os laços de solidariedade, fragmenta a consciência e transforma o outro em meio para a satisfação de interesses individuais.

No interior dessa lógica, a vida social torna-se regida pela equivalência mercantil e pela dominação impessoal do valor, instaurando uma forma histórica de existência em que o ser humano é reduzido à condição de coisa.

A literatura de Honoré de Balzac (1799–1850) constitui um dos mais lúcidos reflexos estéticos dessa lógica social. Em sua monumental *Comédia Humana*, Balzac descreve a sociedade francesa pós-revolucionária com uma precisão que ultrapassa o simples retrato moral: seu realismo crítico evidencia o poder corrosivo do dinheiro sobre as esferas da moralidade, da afetividade e da consciência. As dinâmicas sociais e psicológicas reveladas por Balzac configuram-se como representações estéticas das contradições históricas, que atravessam a gênese da sociedade burguesa.

Sob o prisma da estética lukacsiana, o realismo balzaquiano não se limita à reprodução empírica da vida cotidiana, mas apreende a totalidade das mediações que

articulam o singular, o particular e o universal no movimento histórico. Ao representar as relações sociais de seu tempo com profundidade ontológica, Balzac oferece uma totalização estética que permite compreender o capitalismo como forma social totalizante e alienante. Sua obra, nesse sentido, antecipa e complementa, no plano artístico, as categorias que Marx elabora: o fetichismo da mercadoria, a alienação e a reificação.

O CAPITAL E A REIFICAÇÃO DO SER HUMANO

Nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, Marx descreve a alienação como o processo pelo qual o trabalhador se separa do produto de seu trabalho, de sua atividade e, por fim, de sua própria essência genérica. Tal alienação, expressão fundamental da exploração capitalista, assume a forma histórica da reificação: a transformação das relações humanas em relações entre coisas. O homem passa a existir como simples suporte funcional do capital e sua existência é reduzida ao estatuto de mercadoria, conforme o próprio Marx adverte ao afirmar que o trabalhador, “a cada momento em que não trabalha, perde seus juro e, com isso, sua existência” (Marx, 2010, p. 91).

A brutalidade do capital manifesta-se, portanto, na subordinação da vida humana à lógica impessoal do valor. Em *O Capital*, Marx demonstra que o trabalho vivo é reduzido à condição de força de trabalho — mercadoria que, ao ser vendida, torna-se fonte de valorização para o capitalista. Nesse processo, o homem deixa de ser sujeito criador e converte-se em instrumento de valorização do capital, sendo expropriado de sua essência genérica e da possibilidade de se reconhecer como fim em si mesmo. Essa forma de existência em que a consciência, os afetos e a cultura são atravessados pela lógica mercantil constitui a base ontológica da reificação, cuja expressão mais nítida é a perda da humanidade sob a aparência da racionalidade econômica.

Para Lukács, essa forma histórica de objetivação do ser social produz uma consciência reificada, incapaz de apreender a totalidade concreta da realidade. A mercadoria, ao converter-se em categoria dominante, impõe suas leis à subjetividade, dissolvendo os vínculos solidários e convertendo os afetos em relações mediadas pelo dinheiro e pelo interesse. Assim, o capital não apenas explora o corpo do trabalhador,

mas coloniza sua mente, instaurando uma racionalidade instrumental que converte o outro em um meio de valorização, submetido ao mundo do cálculo, do quantum pode render, antecipando a barbárie moderna.

Essa lógica encontra expressão exemplar em *Eugênia Grandet*, de Balzac. Nessa obra, o ouro, símbolo máximo da acumulação, torna-se medida de todas as coisas e critério último de moralidade. O avaro Félix Grandet, obcecado pelo acúmulo de riqueza, trata a filha não como sujeito de afeto, mas como ativo patrimonial, objeto de transação destinado a fortalecer alianças econômicas. O amor e a generosidade são subordinados ao cálculo e à posse, e a virtude é substituída pela utilidade. A narrativa ilustra, de modo magistral, o processo de reificação das relações familiares, que se tornam extensão das relações de troca, confirmando o diagnóstico marxiano do fetichismo da mercadoria: os vínculos humanos perdem substância e passam a obedecer à lógica do valor. Tal representação literária concretiza a tese marxiana de que o fetichismo da mercadoria converte os vínculos humanos em abstrações econômicas.

Nessa perspectiva, a literatura balzaquiana revela-se, para Lukács, um reflexo estético das contradições imanentes ao modo de produção capitalista. Balzac apreende artisticamente o drama humano da alienação, representando a desagregação moral e afetiva que acompanha o avanço da burguesia. Sua arte não apenas retrata, mas compreende a essência do fenômeno social: o processo de transformação do homem em coisa, da vida em mercadoria.

Por essa razão, Marx e Engels reconhecem na literatura balzaquiana um diagnóstico precoce da brutalidade do capital e da perversão moral da sociedade burguesa. O realismo do autor francês ultrapassa a aparência moralizante e alcança a totalidade histórica, evidenciando como a economia política da mercadoria se converte em economia dos sentimentos. Assim, a obra de Balzac, reinterpretada à luz da estética lukacsiana, não é apenas um testemunho literário, mas um modo de conhecimento crítico do ser social, capaz de revelar a gênese e as consequências da reificação na vida moderna.

Essa reificação não é apenas econômica, ela penetra as esferas da consciência, da afetividade e da cultura, instaurando uma forma de vida marcada pela indiferença e pela competição. O capital não apenas explora o corpo do trabalhador, mas

coloniza sua mente, convertendo os vínculos humanos em relações mediadas pelo dinheiro e pelo lucro. A sociabilidade burguesa, fundada no fetichismo da mercadoria, destrói os laços solidários e institui o individualismo possessivo como norma. Nesse quadro, o ser humano torna-se um apêndice da máquina, um fragmento funcional de um sistema que o transcende e o domina. A estupidez do capital, portanto, não se limita à exploração material: ela é espiritual e ontológica, pois despoja o indivíduo de sua autonomia e de sua capacidade de reconhecer-se como fim em si mesmo.

Na mesma obra, Balzac ilustra de forma magistral como o capital, emergindo enquanto força dominante na sociedade burguesa pós-revolucionária francesa, promove a reificação das relações humanas, transformando laços afetivos e familiares em meras transações econômicas, conforme o conceito marxista de fetichismo da mercadoria que permeia as interações sociais, reduzindo indivíduos a objetos de acumulação e exploração. “Há um duelo constante entre o céu e os interesses terrestres” (Balzac, 2013a, p. 296).

Essa fundamentação teórica, admirada por Marx e Engels, destaca Balzac como diagnosticador precoce da violência do capital, que reifica o humano ao equiparar riqueza a virtude e tornar invisíveis as explorações cotidianas, pavimentando o caminho para uma crítica radical da sociedade de classes.

Marx, Engels e Lukács identificavam nas obras literárias, e mais precisamente nos textos de Balzac, a particularidade das contradições que movimentam a história da humanidade, a apropriação indébita do excedente do trabalho, além do ardil engenhoso de exploração de uma classe sobre a outra.

Segundo Lukács, a reificação penetra todas as formas de manifestação da vida humana, tornando a consciência incapaz de perceber a totalidade histórica. A literatura de Balzac, aqui entendida como uma forma específica de consciência social, é capaz de condensar e revelar, de modo sensível, as contradições históricas do modo de produção capitalista.

A literatura de Honoré de Balzac, sobretudo em sua vertente realista, configura-se como uma poderosa forma de resistência simbólica à reificação das relações humanas imposta pelo capitalismo nascente no século XIX. Ao representar a sociedade burguesa em sua complexidade contraditória, Balzac expõe o modo como a

lógica da mercadoria infiltra-se nas esferas mais íntimas da vida, transformando afetos, valores e vínculos em instrumentos de troca e cálculo. Contudo, ao mesmo tempo em que desvela essa coisificação, sua arte restitui à experiência humana uma dimensão crítica e reflexiva: o olhar literário, dotado de totalidade, permite ao leitor reconhecer o caráter histórico e não natural dessas formas sociais. Assim, a narrativa balzaquiana atua como uma mediação estética que, ao reconstituir a vida concreta das classes sociais e seus dramas morais, rompe com a aparência fetichizada da realidade e revela o ser humano como sujeito histórico e contraditório.

Balzac, sem ser marxista, ofereceu à literatura o retrato artístico dessa totalidade contraditória: personagens aprisionados por valores econômicos que lhes negam a plenitude humana, cumprindo uma função que, sob a perspectiva marxista, ultrapassa o mero registro da sociedade capitalista: ela resgata a possibilidade de consciência diante da alienação.

Ao figurar personagens cujas trajetórias expressam a degradação moral provocada pelo domínio do dinheiro, o autor denuncia o poder destrutivo do capital, restituindo à arte sua potência ontológica de humanização. A literatura, ao representar criticamente a realidade social, converte-se em uma forma de resistência à reificação, um espaço onde o homem, reduzido a coisa na prática cotidiana, reencontra sua condição de sujeito na dimensão estética. Em Balzac, portanto, a literatura não é fuga, mas luta pela preservação da essência humana frente à brutalidade do capital.

A MERCADORIA E A DEGRADAÇÃO MORAL E AFETIVA DAS RELAÇÕES HUMANAS

Marx e Engels afirmam, em *O Manifesto do Partido Comunista*, que a burguesia dissolveu os êxtases sagrados do fervor religioso e da sentimentalidade pequeno-burguesa nas águas geladas do cálculo egoísta. Essa formulação sintetiza a essência do poder destruidor do capital sobre as relações humanas: o triunfo do capital sobre o sentimento e a ética.

A filosofia marxista identifica, no fetichismo da mercadoria⁴, o cerne do seu poder destrutivo no capitalismo: a mistificação que inverte as relações sociais, fazendo com que o produto do trabalho humano (a mercadoria) pareça dotado de uma vida autônoma e de relações próprias, obscurecendo o fato de que seu valor é fruto do trabalho explorado e de relações antagônicas entre as pessoas.

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores. É por meio desse quiproquó que os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais (Marx, 2103, p. 147).

Nesse processo, as relações sociais mediadas pela produção de mercadorias assumem a aparência de relações entre coisas, encobrendo a ação humana e a centralidade do trabalho como fundamento ontológico do ser social. Os homens são obrigados a confrontarem, sem o véu da fantasia, a sua posição e as suas relações na sociedade, afinal o que era sólido e estável se dissolveu no ar e o Sagrado foi profanado (Marx; Engels, 2010).

Na esteira desse raciocínio, Balzac tece uma crítica à sociedade da época. Ele retrata em suas obras que as relações de afeto e de amizade, também, passavam pelo crivo do metal. Essa inversão reifica o humano e personifica a coisa, transformando a busca por acumulação em uma força impessoal e devoradora, que subordina a moralidade, os afetos e a própria vida ao valor de troca, conforme a análise de Lukács.

É precisamente essa força corrosiva que Honoré de Balzac magistralmente retratou em *A Comédia Humana*. Reconhecendo a enorme contribuição do autor francês, ao expor a gênese e a ascensão da burguesia e o modo como o dinheiro e a mercadoria (seja na forma de herança, dote ou bens de consumo) operam como motores cínicos e desagregadores da sociedade, Engels, em carta à Margareth Harkness, confessava ter

⁴ O fetiche representa, que a mercadoria reflete aos seres humanos as características sociais do seu próprio trabalho como se fossem características objetivas dos próprios produtos do trabalho, coisificando as relações sociais ao mesmo tempo em que são personificados esses produtos, as mercadorias (Carcanholo, 2021, p. 129).

aprendido mais com Balzac do que com “[...] todos os especialistas do período, historiadores, economistas e estatísticos tomados em conjunto” (Engels, 2010, p. 68).

Até as relações de amor aparecem com o caráter de coisa útil, aniquilando os vínculos tradicionais e reduzindo paixões e virtudes a meros cálculos de interesse, como se vê no destino trágico de personagens obcecados pela ascensão social a qualquer custo, imersos na lógica implacável do mercado.

Em *O Pai Goriot*, Balzac evidencia como o amor paterno se degrada diante da moral burguesa. O velho Goriot é explorado por suas filhas, que veem nele apenas um instrumento para a ascensão social. A tragédia humana revela a desumanização que o sistema capitalista impõe: as relações afetivas são mediadas pela utilidade e pelo prestígio e o amor é reduzido a transação.

[...] As filhas, que talvez ainda amassem o pai, não quiseram descontentar a este nem aos maridos. Passaram a receber esse Goriot quando estavam sós. E inventaram, para isso, os mais carinhosos pretextos. “Vem quando eu estiver só, papai, assim ficaremos mais à vontade etc.” Creio, querida, que os sentimentos sinceros têm olhos e inteligência: o coração do pobre noventa-e-três sangrou. Compreendeu que as filhas tinham vergonha dele e que se elas amavam aos maridos, ele importunava os genros. Era, pois, necessário sacrificar-se. E se sacrificou, pois era pai: banuiu-se espontaneamente. O pai e as filhas foram cúmplices desse pequeno crime. [...] Nosso coração é um tesouro: esvaziem-no de um golpe e ficarão arruinados. Consideramos tão imperdoável um sentimento que se mostra em toda sua extensão como um homem sem dinheiro. Esse pai dera tudo que possuía. Durante vinte anos, dera suas entranhas, seu amor; num dia, deu toda a fortuna. Espremido o limão, as filhas atiraram o bagaço na rua (Balzac, 2012, p. 105).

Nessa obra, a relação entre o velho Goriot e suas filhas, Anastasie e Delphine, configura uma expressão pungente da lógica de exploração burguesa travestida de afeto familiar. O amor paterno é degradado à condição de mercadoria, consumido e exaurido pelas filhas que internalizam os valores do capitalismo nascente, ilustrando a reificação dos vínculos humanos. O sofrimento daquele velho pai, que entrega suas economias, dignidade e existência às filhas ingratas, torna-se a metáfora da alienação moral em uma sociedade dominada pelo fetichismo da mercadoria. Elas veem no pai não o sujeito de um laço afetivo, mas a fonte de capital que sustenta as ambições de ascensão social, revelando o modo como o dinheiro perverte as relações mais íntimas.

Balzac descreveu a verdade histórica de seu tempo, retratando a decomposição das relações familiares sob o peso da economia burguesa e, sem o pretender, antecipa a crítica marxiana à transformação de todas as relações humanas em relações de troca, denunciando o caráter destrutivo do capital sobre o que há de mais humano, oferecendo uma crítica radical à ordem capitalista emergente.

A LITERATURA REALISTA DE BALZAC E A DEFESA DO HUMANISMO

O poder destruidor do capital nas relações humanas manifesta-se também no plano subjetivo, pois o homem, ao dominar a natureza e o outro, converte-se também em objeto de dominação. Essa dialética perversa da razão é antecipada por Balzac, cujas personagens vivem em permanente conflito entre o ideal e o real.

Em *Ilusões Perdidas*, Lucien de Rubempré representa o sujeito submetido à sedução do mercado e ao esvaziamento moral. Sua busca por reconhecimento e riqueza conduz à perda da autenticidade e, finalmente, à ruína. O romance evidencia como a sociedade capitalista destrói corpos, fortunas e consciências, instaurando um sofrimento moral que deriva da perda do sentido humano da existência.

A alienação, na sociedade burguesa, constitui o eixo fundamental do sofrimento moral do ser humano, pois traduz a cisão entre a essência e a existência, entre o ser e o ter, conforme delineado por Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos*. Ao converter o trabalho, os afetos e as relações sociais em mercadorias, o capitalismo produz indivíduos apartados de sua própria humanidade, reduzidos a funções econômicas e a papéis utilitários, gerando um vazio ético e existencial, que se manifesta como dor moral, desamparo e perda de sentido.

A arte, na ampla concepção de Marx, Engels e Lukács, não é uma dádiva da natureza, mas uma atividade humana que emergiu muito lentamente a partir da centralidade do trabalho. Nesse longo processo de se fazer humano, o ser social também se fez estético, sendo o trabalho, enquanto principal atividade geradora dos elementos constitutivos do cotidiano, gênese das determinações estéticas.

A arte não apenas parte do mundo humano, mas se orienta em direção a ele. Ela é, sim, o retrato de uma época, elemento indispensável para conhecer a história, daí

seu valor documental. Além desse valor, a arte também possui um valor evocativo que traz o passado, de forma estética, confrontando a existência pessoal com a do gênero humano (Lukács, 1966).

Percebemos que, na literatura realista de Honoré de Balzac, especialmente em obras como *O Pai Goriot* e *Ilusões Perdidas*, a alienação aparece encarnada em personagens que, ao perseguirem o reconhecimento e a ascensão social, sacrificam sua autenticidade e se degradam moralmente. O sofrimento humano, nesse contexto, não é apenas individual, mas histórico: é o reflexo de um sistema que transforma o amor em investimento, o outro em instrumento e a vida em cálculo. Assim, Balzac, embora não sendo marxista, antecipa com rara acuidade estética o diagnóstico de Marx: o de que, sob o império do capital, o homem perde a si mesmo justamente no momento em que julga conquistar o mundo. A estética, fundada nos princípios do materialismo histórico e dialético, concebe a arte não como uma instância autônoma do espírito, mas como parte integrante da superestrutura social, cuja configuração é determinada, em última instância, pelas relações materiais de produção (Marx; Engels, 2010).

Como assevera Lukács (2010), os grandes realistas captam e reproduzem a realidade tal como ela é na sua essência, permitindo que nesse processo ocorra a autoconsciência do sujeito, bem como o despertar da consciência do desenvolvimento social. Essa concepção de realismo à luz do marxismo põe em relevo, através da arte, as forças essenciais do reflexo da profunda alienação humana, sob o comando do capital.

A literatura humanista, em sua essência, representa uma virada paradigmática do teocentrismo para o antropocentrismo, colocando a dignidade, a capacidade de razão e a experiência do ser humano no centro da reflexão artística e filosófica.

Ao resgatar os valores da Antiguidade Clássica (o racionalismo, o cientificismo e o senso de proporção), ela fomenta o pensamento crítico e a autonomia individual, elementos cruciais para resistir estruturas opressoras e dogmáticas. A ênfase humanista torna-se, assim, um fundamento ético inestimável, pois ao valorizar a individualidade e a busca pela verdade baseada na experiência, a literatura humanista pavimenta o caminho para a luta contra o mundo burguês capitalista, apesar do crescente isolamento daqueles indivíduos. O apogeu dessa expressão literária encontra-se nos textos que compõem o ciclo da *Comédia Humana*, de Honoré de Balzac. Esses debates, conforme Lukács,

explicitam que as relações entre a literatura e a sociedade refletem a realidade objetiva, atestando que essa não é abstrata, mas concreta e histórica.

O realismo crítico de Balzac, segundo a leitura lukacsiana, constitui uma forma estética que ultrapassa a simples representação mimética da realidade, alcançando a apreensão das contradições estruturais que movem a totalidade social. Em sua narrativa, o escritor francês não se limita a descrever os indivíduos em suas particularidades psicológicas, mas os insere em uma rede de determinações econômicas, políticas e morais que revelam o funcionamento imanente da sociedade burguesa. Para Lukács, Balzac é capaz de captar a essência histórica do capitalismo nascente, mostrando como as relações humanas, mediadas pelo dinheiro e pela mercadoria, convertem-se em expressões da alienação social. A força de seu realismo reside, portanto, na capacidade de desvelar o universal no singular, isto é, de revelar, na trajetória de personagens concretos, as leis de movimento do mundo histórico.

Ao representar a decomposição moral da sociedade francesa pós-revolucionária, Balzac evidencia o processo de reificação das relações humanas e a corrosão dos valores espirituais diante da hegemonia do capital. Nessa perspectiva, o realismo crítico, conforme a estética lukacsiana, não é um espelho passivo da realidade, mas uma forma de conhecimento que, pela mediação artística, restitui à consciência o nexos objetivo entre os fenômenos sociais. O romancista, movido por um olhar totalizador, constrói figuras típicas — como Rastignac, Goriot ou Grandet — que condensam, em sua existência concreta, as contradições entre o ser e o ter, entre a individualidade e a mercadoria. Assim, a literatura balzaquiana, longe de ser mera crônica social, converte-se em uma forma de crítica imanente do capitalismo, na medida em que expõe o drama da modernidade e os mecanismos que desumanizam a vida sob o domínio do valor.

O realismo crítico não se limita à reprodução da aparência fragmentada da vida burguesa, mas busca apreender a totalidade concreta e as forças contraditórias que a constituem e a arte, ao revelar o movimento histórico e as determinações de classe encobertas pela ideologia, adquire valor cognitivo e emancipador, pois restitui à consciência humana à dimensão social e histórica que o fetichismo do capital tende a obscurecer.

A reificação do ser humano manifesta-se esteticamente na decomposição da experiência e na alienação do trabalhador, cuja força vital é objetivada como mercadoria e cujo produto do trabalho se converte em potência estranha e hostil (Marx, 2010). A estética lukacsiana, ao desvelar esse processo, denuncia o modo como o capitalismo fragmenta a consciência, dissolvendo a unidade ética, afetiva e sensível do indivíduo e reduzindo-o a uma função intercambiável na engrenagem produtiva e consumista.

Nesse sentido, a arte não é mero espelho da realidade, mas um instrumento de resistência e de desmistificação ideológica. O realismo, entendido como categoria ética e política, cumpre, portanto, a tarefa de revelar a essência sob a aparência, de reconstituir a totalidade social e de despertar a consciência histórica.

Nesse horizonte, Lukács, sustenta que o realismo balzaquiano revela as contradições internas da sociedade burguesa, alcançando a totalidade social por meio de tipos representativos e situações concretas. Essa forma literária, para o marxismo, não é neutra: ela carrega um conteúdo histórico e ideológico. Balzac constrói uma estética da contradição: personagens que oscilam entre a ambição e a pureza, entre a moral e o lucro. Essa tensão estética expressa, de modo artístico, a luta entre valores humanos e valores mercantis. A arte, assim, converte-se em instrumento de revelação das forças destrutivas do capital.

A civilização burguesa, de acordo com a assertiva balzaquiana, usurpa o homem de sua individualidade, convertendo-o num verdadeiro autômato, programado à monótona rotina de um ofício que sufoca todas as suas energias e capacidades, oprimindo os talentos e temperamentos humanos, obrigando-os a se expressarem de forma danosa, pois a obra de Balzac seria um exemplo de arte autêntica, que visaria capturar o real de forma dialética abrangente e profunda, expressando o mundo dos homens e das mulheres na sua complexa totalidade. Deve-se levar em consideração a potencialidade da dialética para apreender o singular, o particular e o universal, manifestando-se nas formas fenomênicas da arte (Diógenes, 2020).

O realismo crítico de Balzac, sob a luz da estética lukacsiana, constitui uma síntese entre conhecimento e arte: revela as contradições do mundo burguês e, ao mesmo tempo, oferece à consciência um caminho para ultrapassá-las. A literatura converte-se, assim, em instrumento de libertação espiritual, capaz de restaurar a

totalidade perdida pela fragmentação capitalista. Por meio de sua representação ampla e dialética da vida social, Balzac cumpre o papel de intérprete da modernidade e de defensor da dignidade humana em meio à tragédia da mercadoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura marxista da obra de Honoré de Balzac permite compreender a relação da mercadoria e o poder destruidor nas relações humanas como expressão direta da lógica capitalista. A alienação, a reificação e a moral utilitarista corroem a subjetividade e desintegram a sociabilidade. Balzac, o historiador da sociedade francesa, como o definiu Engels, oferece em sua *Comédia Humana* uma anatomia moral da modernidade. Sua literatura, ainda que oriunda de um pensamento conservador, cumpre a função crítica de desvelar o processo de desumanização que acompanha a ascensão do capital. Em tempos de individualismo exacerbado, revisitar Balzac à luz do marxismo, é também compreender as raízes históricas das patologias sociais contemporâneas: o egoísmo, a competição, o esvaziamento dos afetos e a perda da solidariedade. O poder destruidor nas relações humanas, longe de ser uma fatalidade, é uma consequência histórica que a crítica marxista e a arte realista ajudam a desvelar.

Sob a ótica da literatura realista, a produção balzaquiana é um documento do registro da existência, da marcha e da luta dos trabalhadores pela sobrevivência. Em sua dimensão crítica, a arte de Balzac transcende o tempo histórico que a engendrou e conserva atualidade ao desvelar as raízes sociais do sofrimento humano, conclamando à reflexão sobre a necessidade de reumanizar as relações sociais em uma sociedade dominada pela lógica do lucro e da mercadoria.

REFERÊNCIAS

Balzac, Honoré de. **A comédia humana**: estudos de costumes: cenas da vida privada; orientação, introduções e notas de Paulo Rónai; tradução de Gomes da Silveira e Vidal de Oliveira; 3. ed. – São Paulo: Globo, 2012. (A comédia humana; v.4 – **O pai Goriot**).

Balzac, Honoré de. **A comédia humana**: estudos de costumes: cenas da vida provinciana orientação, introduções e notas de Paulo Rónai; tradução de Gomes da Silveira; 3. ed. – São Paulo: Globo, 2013a. (A comédia humana; v.5 – **Eugênia Grandet**).

Balzac, Honoré de. **A comédia humana**; orientação, introduções e notas de Paulo Rónai; tradução de Ernesto Pelanda e Mario Quintana; São Paulo: Globo, 2013b. (A comédia humana; v.7– **Ilusões perdidas**).

Carcanholo, Marcelo Dias. Valor e preço na teoria de Marx: o significado da lei do valor. IN: Barreto, Eduardo Sá; Medeiros, João Leonardo (Orgs.) **Para que leiam O capital**: interpretação sobre o Livro I. São Paulo: Usina Editorial, 2021.

Diógenes, Lenha Aparecida Silva Diógenes. **Estética, literatura e formação humana**: um diálogo entre Honoré de Balzac e György Lukács. Marília: Caipora, 2000.

Engels, Friedrich. **Carta a Margaret Harkness**. In: Cultura, arte e literatura: textos escolhidos; tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. - 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Lukács, György. **Estética I**: La peculiaridad de lo estético: Questiones preliminares y de principio. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Primera Edición. Barcelona: Ediciones Grijalbo, S. A. Barcelona - Buenos Aires – México, D.F, 1966.v.1.

Lukács, Georg. **Introdução a uma Estética Marxista**: Sobre a categoria da particularidade. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. (Coleção Perspectivas do Homem – v. 33 – Série Estética). Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro - RJ, 1978.

Lukács, Georg. **Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels**. In. MARX, K.; ENGELS, F. Cultura, arte e literatura: textos escolhidos; tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. - 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Marx, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**; tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. – [4a reimpr]. - São Paulo: Boitempo, 2010.

Marx, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. [tradução de Rubens Enderle]. - São Paulo: Boitempo, 2013.

Marx, Karl; Engels, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo em seus diferentes profetas (1845-1846); supervisão editorial: Leandro Konder; tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. - São Paulo: Boitempo, 2007.

Marx, Karl; Engels, Friedrich. **Manifesto Comunista**; Organização e introdução Osvaldo Coggiola: [tradução do Manifesto: Álvaro Pina e Ivana Jinkings]. - 1.ed. revista. - São Paulo: Boitempo, 2010.